Fernanda Dantas Scuderi & Vanessa Freire Ruiz (Curso de Tecnologia em Design de Moda Universidade São Francisco)
Professora orientadora: Dra Luciana Bracarense, doutora, Universidade São Francisco.

Traje de Cena em Ofélia da Razão à Loucura

Introdução

O encantatório no traje de Cena é a possibilidade da materialização da personagem que de imaginação se transforma num real, que de palavra se metamorfoseia em imagem, isso significa dizer que o figurino parte de uma narrativa para se tornar cena, portanto o processo de sua elaboração faz interagir uma variedade de expressões, partindo das artes literárias e cênicas, passando pelo desenho dos croquis, para nas máquinas de costura tomarem forma e então atuar nos palcos e telas. Para o espectador vivenciar a cena é fundamental que o traje traduza o estado de espírito da personagem, o qual se concretiza no conjunto da sua interpretação: cenário, voz , movimento e roupa. É esse jogo de identificações entre personagem e espectador que faz do teatro e do cinema uma arte tão cativante. E não foi diferente com as autoras deste estudo. A análise aqui escolhida surgiu a partir de um estudo literário de Hamlet, em que fomos orientadas a ler a obra, estudar os trajes de época e então assistir às várias montagens do cinema, estudando a caracterização das personagens. Ficamos tão envolvidas pela concepção das personagens e sua figurativização, quando deixam de ser palavra para se tornarem imagem, que resolvemos nos dedicar ao estudo das personagens de Shakespeare no cinema. Em especial Ofélia que carrega uma contradição extremamente humana: a razão e a loucura. Das leituras realizadas surgiu o objetivo deste trabalho: perceber como o traje de cena traduz o estado mental e emocional de Ofélia. Para isso, escolhemos o filme dirigido por Franco Zeffirelli de 1990, dentre as inúmeras montagens cinematográficas, para realizarmos uma análise comparativa do traje de cena de Ofélia na cena em que se encontra sã e a passagem para o estado de loucura. Partimos da hipótese de que o traje traduziria sua interioridade. Nossa vestimenta externa tem também uma função interna. (HARVEY, 2001. p. 18) Shakespeare, escritor e poeta, possui um estilo próprio, maneirista e marcante para tratar dos temas inerentes à condição humana. Por ser ele consagrado como o maior escritor das letras universais, por ter levado suas obras aos palcos de sua época para que se tornassem imortais por seus temas relacionados aos sentimentos humanos e ações vividas até hoje, não é de se estranhar que tenhamos sido seduzidas por sua melancolia, complexidade e paixão, assim como foram filósofos e pensadores: Freud, Goethe, Descartes... Resumo da obra Escrita em meados de 1600 e 1602, por William Skakespeare, conta a história de um Príncipe, Hamlet que mora na Dinamarca. E essa existência torna-se insuportável após a morte de

seu pai e a assombração dele para sua vingança, perante seu assassinato pelo próprio irmão do rei, Cláudio. Hamlet então começa sua investigação, para sua conspiração contra seu tio que além de roubar o trono de seu pai, casa-se às pressas com sua mãe a Rainha Gertrudes. Dentre essa tragédia, muitos outros personagens envolvidos também são mortos como Polônio conselheiro real que é golpeado atrás da cortina por Hamlet, achando que era o fantasma de seu pai. Ofélia que é filha de Polônio começa a ficar louca pelo amor não correspondido de Hamlet e a morte de sua família, acaba se afogando no riacho dentro de suas próprias palavras. Sendo assim o rei Cláudio que faltava matar Hamlet para concluir seu plano convence Laertes filho de Polônio e irmão de Ofélia, a duelar com Hamlet quando lhe entregar uma espada envenenada a fim de vingar a morte do pai e de sua irmã fazendo assim eliminar Hamlet sem suspeitas e prepara uma bebida a ele também envenenada caso falhasse alguma alternativa, mas a rainha desavisada bebe e morre na mesma hora, dizendo com suas últimas forças a seu filho que morrera envenenada, Hamlet cheio de fúria então faz seu tio a força terminar de beber e o mata com um golpe de espada tornando fiel a promessa ao fantasma de seu pai e sua vingança Ofélia Personagem secundária, mas não menos importante, Ofélia tornou-se mais popular nas artes plásticas do que nas artes visuais. Pois vemos a feminilidade de forma comparativa entre a visão literária e a representação pictórica. Apresenta diferentes significados, sob o da poesia por exemplo. Que a trata de maneira romântica, tocando-nos com nosso sentimento mais profundo, tendo a imagem fantasiosa de um ser intocável, inatingível. Já nas obras de arte, temos essa exposição com seu corpo. Sua morte é uma dessas ações mostradas, comovente e doce ao mesmo tempo, transfere o mito de beleza eterna, sendo assim bela, nos braços da mãe natureza. Um desses artistas a consagrar esta imagem sutil e melancólica foi Odilon Redon, pintor gravurista francês e apaixonado por temas assombrados, fanáticos e muitas vezes até macabros, que englobassem a natureza. Foi grande proeminente do Simbolismo, fazendo assim várias versões de Ofélia, sobre esse mistério da morte e solidão. Mas o pintor Arthur Hughes trabalha de outra forma sua donzela. Com menos elementos de musa, a qual foi retratada anteriormente. Ocasionando uma dualidade na imagem de Ofélia: a mais frágil e inocente vinda da Idade Média, onde temos como foco a Virgem Maria, daí suas roupas brancas e as flores simbolizadas e a de Ninfa, reflexo da mitologia no renascimento, por sua beleza. Sua idealização é formada através de seu pai, irmão e o próprio Hamlet como na Idade Média, assim ela se oprimia e obedecia a seu pai, em seu estado racional, deixando de lado até seu amor por Hamlet. Guiado pela sua vingança que o príncipe pretende, nega esse afeto por sua amada fazendo-a, com tal negação e a morte de sua única família depara-se com a loucura. Na loucura todo seu silêncio acaba e as palavras lhe vêem à tona, desorganizadas e aflitas. E na calma de densas águas, Ofélia se depara com o limite de sua linguagem e sanidade. (www.todasasmusas.org) Razão e Loucura Para realizar a análise,

achamos que seria importante definir em breves palavras razão e loucura, sua condição de inseparabilidade. A loucura só existe se relacionada à razão, seu estado se manifesta, quando a pessoa perde a consciência de si e das coisas à sua volta. No caso de Ofélia, é possível dizer que ela deixa com que sua razão interaja com a paixão, permitindo que os atos apaixonados influenciem de forma veemente a condução racional, portanto ela perde a medida de interação entre a razão e a paixão, chegando ao estado de loucura. A loucura torna-se uma das próprias formas da razão. Aquela integra-se nesta, constituindo seja uma de suas forças secretas, seja um dos momentos se sua manifestação, seja uma forma paradoxal na qual pode tomar consciência de si mesma. De todos os modos, a loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão. (FAUCAULT, 2008, p.33) Análise O trajes da Idade Media eram constituídos por peças longas de materiais naturais e sintéticos, como seda, acrílico entre outros. Na indumentária, muitos acessórios como botões e pedrarias também eram utilizados. No caso de Ofélia, seu traje era formado por uma túnica usada sobre uma camisola. Em seu estado racional, a personagem utilizava roupas de aparência limpa e clara como o branco, que nos transcreve a ausência da cor, remetendo à alegria juvenil. Seus cabelos eram trançados envolvidos por uma touca rendada e branca, que nos sugere sua identificação com o vínculo de sua personalidade inocente. Ainda usando sapatos que lhe dão o aspecto civilizatório. Já em sua caracterização indo da sanidade para a loucura, Ofélia vai se configurando durante o percurso narrativo, ou seja, a roupa vai escurecendo, rasgando e sujando paulatinamente, causando uma ruptura que manifesta a dualidade onde tudo que é real pode nos levar para alucinação. Como o não uso dos sapatos criando um ato selvagem, da mesma forma que seus cabelos antes presos e trançados, se desfiguram em soltos, sujos e suados que remetem `as górgonas. Inclusive sua maquiagem passa por esse processo abatido e cansado, de uma moça que antes era doce e rosada, para uma pessoa com olheiras, simbolicamente com cores arroxeadas e escuras. Por fim, encontramos na razão e na loucura um campo físico representativo. Considerações Finais A experiência de ler Shakespeare e pensar a passagem das letras para a cena, principalmente de uma personagem tão significativa quanto Ofélia, nos fez percorrer caminhos multidisciplinares. Precisamos partir da leitura da obra, para o estudo histórico, simbólico da vestimenta, passando sobre teorias filosóficas sobre a razão, a paixão e a loucura, ou seja, nossa análise foi sendo construída com base na literatura e na interação dessa com a representação pictórica para então chegar ao cinema. A caminhada nos fez perceber que o traje realmente traduz a personalidade e o momento vivido pela personagem. O vestuário é material fundamental na ligação entre a personagem e o público, é através dela que podemos entender as variações de humor de que sofre Ofélia no decorre da peça. A passagem do estado da razão para do delírio e o da loucura, vai tomando forma física pouco a pouco no desenrolar da trama. De uma Ofélia delicada, ingênua e civilizada terminamos com a imagem de um moça transtornada, vivida e selvagem. Enfim, Ofélia

representa uma contradição constante na vivência humana. A dualidade trazida por ela nos toca porque nos faz identificar com o seu prazer e sua dor. Referências Bibliográficas CHEVALIER, Jean. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006 FOUCAULT, Michel. História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 2008 LEVENTON, Melissa. História Ilustrada do Vestuário. São Paulo: PubliFolhoa, 2009 ROUANET, Sérgio Paulo. Os Sentidos da Paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 SANTOS, GEORGIA M. DE CASTRO. A Roupa, a Moda e a Mulher na Europa Ocidental Medieval. Brasília: UNB, 2006 VIEIRA, Érica Viviane Costa. Resistindo à Clausura. Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte, disponível em www.todasasmusas.org, acesso em 20/04/2010